

DOSSIÊ INTELECTUAIS, POLÍTICA E MEMÓRIA

Perspectivar o estudo dos Intelectuais a partir da tecitura e do redimensionamento da Política e da Memória foi o objetivo central do dossiê **Intelectuais, Política e Memória**. É nessa direção que os nove artigos que compõem o referido dossiê voltam-se para a discussão de temas permeados por redes de sociabilidades, pertencimentos familiares e políticos, práticas sociais e relações estruturais de poder consubstanciadas em trajetórias e movimentos intelectuais, projetos educacionais, produção, circulação e apropriação de discursos escritos e imagéticos. Optamos por elencar os artigos em ordem alfabética pelo sobrenome da/o primeira/o autora/o, professoras/es e pesquisadoras/es da Educação Básica, de Universidades e Centros de Pesquisa do Brasil e de Portugal, a quem agradecemos a fundamental contribuição para a materialização desse intento.

O primeiro artigo, **Pensamento autoritário e civismo militar: um novo modelo de Educação para o Brasil?**, escrito em parceria com Luciano Aronne de Abreu, abordou, em perspectiva histórica, sobre os atuais debates relativos à educação no Brasil, tendo por referência o movimento Escola sem Partido e o modelo governamental de Escolas Cívico-Militares. Para tanto, fundamentou-se na historicidade das investidas reformistas educacionais, com especial destaque ao projeto de militarização do pensamento, sustentado e legitimado por alguns dos proeminentes intelectuais da educação no período do Estado Novo. Ao trazer à tona pontos de convergência ou divergência, foram traçadas algumas conexões modelares no que se refere aos alicerces políticos e educacionais apropriados pelos movimentos da Nova Direita em curso no Brasil. Pontuou-se, também, que a revalorização do passado autoritário, sobretudo no que diz respeito às retomadas discursivas de formação cívico-nacionalistas, está diretamente ligada ao próprio processo de precarização da educação.

O segundo artigo, **A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa sob o olhar da imprensa**, de Isabele Fogaça de Almeida, discutiu sobre o processo de criação FEFCL-PG sob o prisma dos discursos veiculados nos jornais Diário dos Campos, Diário da Tarde e O Dia (PR) nos anos de 1948 e 1950. Dentre os espaços de sociabilidades mapeados no estudo foram destacados o Colégio Regente Feijó, a Associação de Amigos de Ponta Grossa e o PSD - Partido Social Democrático, tendo em vista que os integrantes da comissão de criação em questão cultivavam fortes vínculos com o então governador do Paraná, Moysés Lupion. A consolidação dessa iniciativa como a primeira faculdade no interior do Paraná, dentre outras faculdades posteriormente existentes na cidade, integraria, em 1969, a própria fundação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O artigo nos provoca, portanto, a compreendermos a memória histórica que permeou o projeto educacional da Educação Superior no Paraná, abrindo horizontes para a análise de outras escalas regionais, assim como das heranças institucionais desse passado político.

O terceiro artigo, **Crônicas visuais de Ponta Grossa: a trajetória e a produção fotográfica de Luiz Bianchi (1913-1943)**, de Audrey Franciny Barbosa, explorou a trajetória familiar e profissional do fotógrafo Luiz Bianchi, nascido na Argentina, filho de

imigrantes italianos e que ao estabelecer moradia no Brasil foi contratado pela *Brazil Railway Company* para fotografar a instalação das estações da estrada de ferro em Ponta Grossa, local em que viria a constituir vínculos familiares e sociais, produzindo um extenso acervo fotográfico, inclusive levado adiante pelas gerações posteriores. E, importante salientar, material fotográfico este que atualmente se configura como uma fonte essencial aos estudos históricos da cidade. Ao enfatizar segmentos da política, da cultura e da localização geográfica da cidade de Ponta Grossa nas primeiras décadas do século XX, a autora problematizou as imagens urbanas pela ótica da produção fotográfica, compreendendo as imagens para além de um mero registro, mas artefatos da cultura material, tal como crônicas visuais do passado ou daquilo que era considerado “fotografável” para ser visibilizado socialmente. Nesse sentido, o estudo nos remeteu a aspectos do desenvolvimento industrial e comercial no Paraná, porém, de forma a contemplar cenas do cotidiano a partir da presença visual ora de sujeitos sociais, ora de sujeitos às margens do ideal urbano daquele contexto.

O quarto artigo, de Regis Clemente da Costa e Névio de Campos, **José Rodrigues Vieira Netto e a ditadura militar**, discorreu sobre a militância de Vieira Netto e a luta intensa, no Paraná, contra a ditadura militar. Professor da área do Direito na Universidade Federal do Paraná e vinculado ao PCB - Partido Comunista Brasileiro, a trajetória do referido intelectual é demarcada por acontecimentos bastante marcantes, a exemplo da cassação, em 1948, do seu mandato de deputado estadual. Posteriormente, candidatou-se, em 1962, a deputado federal pelo PSB - Partido Socialista Brasileiro, por conta da então ilegalidade do PCB. O período após o golpe de 1964 e o processo de aposentadoria compulsória, assim como os detalhes biográficos do intelectual nesse período de intensas torturas e de extrema privação de liberdades, é um convite justo e necessário para pensarmos o quanto precisamos ainda fazer circular o protagonismo de sujeitos como Vieira Netto, que nos trazem a dimensão concreta da luta em prol da defesa pela Democracia no país.

O quinto artigo, **O sacerdote de Éris: a trajetória de Emir Calluf na defesa da ordem durante a ditadura civil-militar (1964-1985)**, de Ana Flávia Barboza Garcia, analisou a trajetória intelectual de Emir Calluf, padre e psicólogo curitibano que se destacou como figura pública durante o período ditatorial aludido. A metáfora do “Sacerdote de Éris” diz respeito justamente ao estilo discursivo de caráter polêmico em defesa da ordem, da moral e dos bons costumes promovidos pelo então regime militar. A autora tratou sob vários ângulos a trajetória familiar, intelectual e religiosa de Calluf e, ainda, mais especificamente, sobre a cruzada moral que este investiu contra o cinema nacional, visto como um fator de degradação dos costumes e ameaça “subversiva” ao país. O estudo é de uma pertinência ímpar, especialmente para o período do pós-1964, pois evidencia o papel de intelectuais conservadores no que a autora define por “sustentação simbólica da ditadura”, contribuindo para a “reflexão sobre os imaginários morais que persistem na história política brasileira”.

O sexto artigo, **Eugenia e a biopolítica do prestígio: redes luso-brasileiras (1918–1930)**, de Daniel Florence Giesbrecht, examinou a rede luso-brasileira de eugenia entre 1918 e 1930. Ao partir de cartas, impressos e congressos, permeou aspectos da trajetória e do intercâmbio entre Renato Kehl e António Mendes Correia, dois intelectuais de significativa representatividade no Brasil e em Portugal, respectivamente. Ao fundamentar-se pela noção de “biopolítica do prestígio”, o autor demonstrou que a ciência daquele contexto operava

pelo processo de reconhecimento da linguagem de poder, evidenciando uma rede transatlântica articulada entre perspectivas coloniais e de mestiçagem. Por fim, colocou-se em questão formas próprias de inscrição eugênica ao tratar dos contextos intelectuais entre os dois países, alertando criticamente para as possíveis heranças de permanência desse processo eugênico, assim como problematizando os processos de legitimidade pelos quais perpassou a autoridade científica em pauta. Desafios, portanto, que nos apresentam condicionantes sociológicos de uma impressionante dimensão histórica apreendida ao longo da escrita do artigo.

O sétimo artigo, **Franco Basaglia e os desafios contemporâneos da saúde mental: da desinstitucionalização à cidadania**, de Karen Cristina Galletto, investigou os processos contemporâneos da reforma psiquiátrica, enfatizando a relevância da trajetória do psiquiatra italiano aos desafios atuais da saúde mental. De modo a destacar o papel da memória como instrumento político e histórico, o estudo abordou os casos emblemáticos do Hospital Psiquiátrico de San Servolo, na Itália, ativo entre 1725 e 1978, e do Hospital Colônia de Barbacena, fundado em 1903 em Minas Gerais, o qual receberia a visita de Basaglia em 1979; ambos posteriormente passariam por um processo de musealização, o Museo del Manicomio - La Follia Reclusa (Veneza) e o Museu da Loucura (Barbacena). Destacou-se, ao longo do artigo, que a desinstitucionalização permanece como um processo inacabado, alertando-se para a necessária reafirmação de que a saúde mental remete à luta pelos direitos humanos e a referida desinstitucionalização como horizonte emancipatório. A autora alerta, igualmente, para a importância da preservação crítica dos antigos espaços manicomial enquanto espaços de resistência ética, memória ativa e compromisso com a diversidade e, por conseguinte, com vistas à formação para uma cidadania plena. Alertas imprescindíveis, inclusive, para problematizarmos o entrelaçamento das memórias do passado às experiências de contornos diversos que hoje vivenciamos.

O oitavo artigo, **Epistemologia e formação crítica: contribuições de Marx, Weber, Bourdieu e Lukács para a residência multiprofissional em Saúde**, de Jéssica Cristiane Martins, Reinaldo Gluszczka e Carlos Eduardo Coradassi, teve como objetivo refletir sobre alguns dos conceitos de Karl Marx, Max Weber, Pierre Bourdieu e Georg Lukács para a Residência Multiprofissional em Saúde (RMS), demonstrando como a apropriação conceitual de alguns dos teóricos clássicos da teoria sociológica pode contribuir para a vivência prática no âmbito da área da saúde. Considerou-se que, por intermédio de pressupostos teóricos específicos em torno de operacionalizações conceituais, podem ser alçados indicativos extensivos à elaboração de projetos de transformação social por meio da RMS. Uma sólida e dialógica formação teórica seria, portanto, condição primeira para o desenvolvimento de estratégias formativas de superação da fragmentação disciplinar e de processos alienantes presentes na realidade dos serviços, com vista ao fortalecimento da dimensão transformadora da residência e à consolidação do sistema público de saúde no Brasil.

O nono artigo, **Das degenerações industriais às terras distantes do nacionalismo genético: o intelectualismo de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935)**, de Luana de Almeida Santos, estudou vertentes da trajetória de uma intelectual reformista estadunidense, notadamente por meio de dois romances, *The Crux* (1910) e *Herland* (1916), ambos escritos em um contexto de efervescência da produção eugenista nos EUA e demonstrativos das

narrativas sobre degeneração/ regeneração e do estilo literário de Gilman, sintetizado pela autora como “moralista” e “satírico”. Apontaram-se, ao longo do artigo, aspectos da dualidade intelectual de Gilman, pois ao articular simultaneamente os temas da eugenia e do feminismo, concebia a literatura como uma espécie de laboratório a um projeto de reforma social, acabando mesmo por correlacionar ideias de cunho eugênico à construção do corpo feminino marcadamente inserido em um território de disputas políticas. Entre projetos civilizatórios reformistas e temáticas atinentes ao nacionalismo genético, fortemente presente no cenário político, científico e literário norte-americano de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, o estudo nos proporcionou um universo de horizontes às imbricações das pautas sociais, raciais e de gênero pelo olhar da intelectual estudada.

Compreendemos que o dossiê pode contribuir para a apreensão tanto da historicidade da produção intelectual dos temas tratados, quanto da perspectiva sociológica dos protagonismos políticos em seus distintos posicionamentos e pertencimentos, seja pelo viés da escala do local/global, seja pela análise da complexa dimensão do regional/nacional, seja pelas problematizações da cultura material envolta em traços da cultura política, enfim, elementos marcadamente delineados no passado, mas que reiteradamente ressurgem em diferenciadas apropriações na temporalidade vivida.

Convidamos a toda/os para a leitura do Dossiê da Revista do NEP – Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, agradecendo por este espaço de divulgação especialmente representativo do papel social e político da Universidade Pública no Paraná e no Brasil. Desejamos uma ótima leitura!

Maria Julieta Batista de Almeida Weber
Organizadora